

A RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA NO MEIO URBANO: uma questão de comportamento e valores sociais

*Gisela Verri de Santana*¹
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

Este artigo aborda a relação homem-natureza no meio urbano no contexto da construção do imaginário social da habitação, sua produção e dos valores comportamentais e socioambientais atribuídos à esta relação sistêmica. Propõe uma reflexão sobre a autotransformação pessoal a fim de promover a biofilia e os benefícios coletivos para gerações futuras no meio urbano.

Palavras-chave

Homem-natureza. Meio urbano. Biofilia. Imaginário Social. Benefícios Coletivos.

Abstract

This article addresses the humans-nature relationship in the urban environment in the context of the construction of the social imaginary of housing, its production and the behavioral and socio-environmental values attributed to this systemic relationship. It proposes a reflection on personal self-transformation in order to promote biophilia and collective benefits for future generations in urban areas.

Keywords

Humans-nature. Urban Environment. Biophilia. Social Imaginary. Collective Benefits.

¹ Arquiteta Urbanista (UFPE, 1991); mestrado em Desenvolvimento Urbano e Regional (MDU-UFPE,1998); Doutorado em Psicologia Social (UERJ, 2008); escritora autônoma. E-mail: givsantana2@gmail.com.

1. UMA BREVE VISÃO DAS ORIGENS DA RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA

Na história, as relações entre homem e natureza emergem de forma dicotômica, em basicamente duas polaridades: proteção e sobrevivência. O movimento de evolução humana contribuiu para o sedentarismo e a constituição dos primeiros aglomerados. Os indivíduos descobriram, além da extração, o cultivo de vegetais e a criação de animais, o uso dos materiais naturais como madeira, pedras e folhagens para a construção de seus abrigos. O crescimento dos povoados evoluiu para a transformação desses em cidades. De forma sintética, podemos dizer que o desenvolvimento das técnicas produziu outro tipo de relação com a natureza: a dominação do espaço natural. A substituição foi paulatina, edificações e novos hábitos foram sendo introduzidos: habitações, novos meios de transportes, vias, que somados às novas culturas agrícolas e à pecuária em larga escala transformam progressivamente o ambiente natural. A mudança do estilo de vida ao longo da história da humanidade e suas diversas formas de aglomerações, também contribuiu para a transformação da relação homem-natureza.

Segundo David Engwhicht, as cidades são o reconhecimento de que para desenvolver nossas plenas potencialidades necessitamos daquilo que outras pessoas podem dar. Diferente da relação com a terra e o ambiente natural, a cidade é um ecossistema criado pelas pessoas para sua mútua realização. Podemos pensar que as cidades também configuram um ecossistema.

Pode-se pensar que a existência pressupõe uma relação de trocas, assim, num ecossistema, a exemplo de uma floresta tropical, tudo está inter-relacionado e é interdependente. Cada organismo provê algo essencial para a vida de outros organismos e, em troca deles, recebe aquelas coisas essenciais para sua própria sobrevivência e bem-estar.

A construção social da natureza, através da ação do homem sobre o meio, dá um caráter distinto à natureza virgem. Keith Thomas em seu livro “O homem e o mundo natural” revela muito desse processo que “simbolizava o triunfo da civilização”, onde “o domínio do homem sobre o mundo animal e vegetal foi e é, afinal de contas, uma pré-condição básica da história humana”. (THOMAS, 1988, p. 19). Segundo Cotton Mather, “Os colonos [...] se puseram a destruir as árvores de forma a tornar ‘habitáveis’ os ‘bosques sinistros’”. (MATHER apud THOMAS, 1988, p. 232). Esta forma de intervenção do tudo ou nada ainda é presente em nossos dias.

Todavia, nem sempre foi assim. Na Grécia antiga, Hipódamos de Mileto, produziu cidades moldadas pelos obstáculos naturais, numa relação de profundo respeito.

Segundo Thomas, na década de 1980, quando as matas encolheram a menos da metade do espaço deixado ao desenvolvimento urbano, a atitude mudou: considerou-se que é melhor plantar árvores que derrubá-las. No início do período moderno, repousam as origens dessa nova atitude. Evidentemente, não houve uma simples *volte-face*, uma guinada dramática da destruição para a preservação de árvores. Não obstante, o surgimento de uma atitude mais simpática para com elas é um fato incontestável. (THOMAS, 1988, p. 235).

As cidades grandes, sobretudo, as não planejadas, cresceram e crescem sob a lógica expansionista do mercado imobiliário ocupando os espaços onde antes predominava a natureza. Os impactos dessas ações sobre o meio e sobre o homem ainda não são devidamente mensurados, mas já são nitidamente sentidos em vários aspectos. Os benefícios das árvores vêm sendo divulgados, bem como a contribuição destas para amenizar o clima, a paisagem, prestar serviços ecossistêmicos e psicoemocionais.

Torna-se imprescindível lembrar que os indivíduos são parte integrante de um sistema que está totalmente interligado. As construções e a forma como estas se distribuem na urbe interferem nos estilos de vida, que, por sua vez, interfere no social, na economia, na segurança, nas tipologias das edificações, na morfologia das cidades, que impactam o meio natural e todos juntos configuram um ambiente e, o ecossistema no qual vivemos. O meio ambiente engloba a todos, e os humanos fazem parte dele, como peça de um quebra-cabeça sistêmico que

se interconecta e que impacta uns aos outros.

Thomas ressalta que “à medida que as fábricas se multiplicavam, a nostalgia do morador da cidade refletia-se em seu pequeno jardim, nos animais de estimação [...], no gosto das floressilvestres [...], e no sonho com um chalé de fim de semana no campo”. (THOMAS, 1988, p. 16). Segundo ele, “essa afeição pelo campo, real ou imaginária, não se confinava às classes altas, sendo comum a muitos indivíduos”. (THOMAS, 1988, p. 16). Há registros de este fato ter ocorrido na Inglaterra e na França, mas certamente este é um reflexo do vínculo humano com a natureza, ao que hoje se pode denominar de biofilia.

2. DESCONEXÃO E NECESSIDADE DE READEQUAÇÃO DOS CICLOS DE PRODUÇÃO HABITACIONAL E ESTILOS DE VIDA

Aos poucos as cidades, que antes foram espaços naturais, se transformaram em selvas de pedra, onde os inimigos e perigos são outros. As mudanças foram tantas que as distâncias entre o homem urbano e o meio natural aumentaram significativamente, deixando uma lacuna em seu próprio interior, que se mistura entre permanências e impermanências em um vazio ampliado pela rotina alucinada das metrópoles e megalópoles. Esse distanciamento da natureza física, visual, alimentar e de estilo de vida produziu sintomas de adoecimento decorrentes do déficit de Natureza.

Diante da crescente desconexão do homem urbano ao meio natural, seja pela mudança do estilo de vida, seja pelas alterações ambientais, observa-se a emergência de uma série de doenças.

Nos últimos anos, principalmente no contexto da Pandemia, assiste-se o homem urbano buscando o retorno e o contato com a natureza, seja nos novos espaços habitacionais, a partir do uso das casas de campo, da opção por passeios em áreas abertas e turismo ecológicos, dos esportes ligados à natureza, tais como: o *rafting*, o arvorismo, as caminhadas ecológicas, também denominadas de *ecotrakking*, o *rapel*, entre outros.

Na atualidade, as alterações climática e ambiental emergem de forma cada vez mais alarmantes, corroboradas pelo espaço crescente nas mídias. Põe em evidência a necessidade de readequação do comportamento humano perante a natureza e o ambiente, pressupondo uma revisão dos atuais padrões e paradigmas construtivos por parte dos arquitetos, construtores e pelo poder público que regulamenta as construções na cidade para implementar uma visão mais ecológica dos sistemas urbanos.

Ignacy Sachs destaca a importância da economia de recursos (urbanos e rurais), da ecoeficiência e da “produtividade dos recursos (reciclagem, aproveitamento de lixo, conservação de energia, água e recursos, manutenção de equipamentos, infraestruturas e edifícios visando à extensão do seu ciclo de vida)”. (SACHS, 2002 p. 55).

Nas últimas décadas, este tipo de lógica econômica de ecoeficiência começa a ser utilizada em alguns empreendimentos. Entretanto, ainda são raros. Há quem lembre que além da eficiência pode-se também utilizar os 3 R's da sustentabilidade (Redução, Reciclagem e Reutilização), destaque outros 4 R's que seriam a Reforma, a Restauração, o Retrofit e o Respeito à Natureza e ao meio em que se insere. No caso da construção civil, pouparia muito espaço e infraestruturas das cidades, visto que existem muitos imóveis vazios e áreas antigas abandonadas. Os 7 R's da construção podem ser aplicados tanto aos tipos e usos de materiais utilizados quanto à edificação em si e sua implantação no lote com a manutenção da arborização existente.

Podemos aqui fazer um contraponto com as edificações ecorresponsáveis. Porém, verifica-se que apesar de todo apelo e reverência ao verde que este tipo de empreendimento apresenta, a questão é atravessada pelo paradoxo da destruição da natureza decorrente da ação do homem. Ao produzir a cidade, as ações humanas avançam sobre a natureza, substituindo árvores por edificações.

Le Corbusier, afirmava que o ato de construir moradias é abrigar os homens

primeiro, colocá-los ao abrigo das intempéries e dos ladrões, mas sobretudo, montar em torno deles a paz de um lar, fazer tudo o que é preciso para que a existência decorra suas horas em harmonia, sem transgressão perigosa das leis da natureza². E não essa moradia tolerada da forma como é atualmente, a transação entre os poderes determinados pelo dinheiro: o lucro, a concorrência, a pressa, coisas que, após fazer o homem perder sua realeza, e após esmagar servidões, fizeram-no esquecer seu direito fundamental a uma vida decente. (LE CORBUSIER, 2006, p. 25).

Esta citação faz referência ao abrigo seguro, que garante proteção. Le Corbusier aponta para uma distorção dos poderes do dinheiro, do lucro e da concorrência que coloca em xeque o direito do homem ao abrigo, a uma vida decente. Enfim, coisas que fazem o homem perder a sua realeza...

3. A CASA OÏKOS

Pensar na habitação como abrigo, casa, moradia nos remete à noção do morar, que também sofre mutações com os novos conceitos lançados pelo mercado imobiliário e pelo *marketing* habitacional e que, ganha sentido diferente em função do contexto. A relação entre a necessidade e o desejo dos indivíduos urbanos, vinculados aos diferentes sentidos do morar e do habitar vão sendo permeados pelos interesses dos “poderes determinados pelo dinheiro”, subliminarmente expressos nas práticas e construções discursivas das publicidades do setor imobiliário. Aliadas às legislações urbanísticas municipais seguem, há tempos, demolindo casas, desmontando morros, aterrando rios e alagados, derrubando árvores, sob o manto do discurso da saúde pública e da renovação urbana, de “áreas imobiliariamente promissoras” (VILLAÇA, 1986, p. 36 – 38).

O leque de conexões e ramificações começa a se abrir para formar a teia conceitual a partir do momento em que o morar e o habitar estão inseridos em um espaço, seja ele urbano ou rural, que por essência é social e ambiental. São espaços internos, externos e intermediários, naturais e artificiais, com formas e funções que os definem. Os espaços e áreas comuns dos condomínios produzidos para as camadas média e alta modificam a extensão do morar e do habitar para além das quatro paredes do privado.

O espaço pode ser entendido e estudado pelas diversas categorias que o compõe, o conforma, o produz e o descreve. São os macrocampos: geográfico, humano, natural, físico, psíquico, ecológico, econômico, social, cultural, histórico, político e financeiro que, cada um em sua totalidade, também se desdobra em outras ramificações. O espaço envolve, abriga e conforma as ações e a vida cotidiana dos seus usuários, cidadãos, indivíduos e sujeitos. Este espaço também pode ser denominado de espaço ecológico.

Quando analisamos o vocábulo ecologia percebemos que ele permeia outro significado no que se refere à habitação: a busca pela casa-*oïkos* em um meio natural. Ou seja, a busca do homem, enquanto ser vivo, ao retorno e à proximidade com a Natureza.

De origem etimológica, baseada na palavra grega *oïkos*, que significa ‘casa’, adicionada ao sufixo “*lógos*”, ‘linguagem’, e, com a influência do francês surge o vocábulo “ecologia”. Dando a ideia de: linguagem da casa. Ou seja, o estudo das relações recíprocas entre o homem e seu meio moral, social, econômico e, ainda, ciência que estuda as relações dos seres vivos entre si ou com o meio orgânico ou inorgânico no qual vivem.

Em francês, a definição evidencia ainda mais o meio, as relações homem-natureza e casa-natureza, homem-espaço. Esta discussão interessa, pois define a relação do homem com o interior da habitação, e com seus espaços externos, sejam eles naturais ou artificiais.

O indivíduo urbano, em uma busca dual entre a cidade e o campo, procura uma

² Aqui várias interpretações são possíveis. O que Le Corbusier estaria querendo dizer por transgressão da natureza? Em seus escritos e projetos, justificava a verticalização em prol da natureza, como resgate de verde para a cidade

alternativa à cidade caótica sem, no entanto, se afastar definitivamente dela. O cidadão da atualidade parece buscar novas formas de relação com a natureza. A casa assume novos significados. Seria uma tentativa de resgate do seu lado biológico e biofílico? Seria uma busca de proteção, de segurança ou de fuga?

Nesta direção, apresenta-se o paradoxo: aumenta a busca por moradias nas periferias urbanas, nas franjas rurais, onde os efeitos da cidade sobre a saúde física e mental dos indivíduos possam ser atenuados, porém esta expansão significa a destruição da qualidade natural destes espaços. A busca por um estilo de vida mais tranquilo, mais saudável, com mais qualidade e um modo, supostamente, mais sustentável e ecológico, não tem sido compatibilizado com a preservação das árvores, dos ecossistemas nem com a capacidade de suporte da infraestrutura.

4. A ATUAÇÃO DO MERCADO IMOBILIÁRIO.

Em estudo realizado no Rio de Janeiro, na Freguesia em Jacarepaguá (SANTANA, 2013), foi possível verificar que há 40 anos, este bairro abrigava muitas áreas semirurais e florestas, ainda presentes no imaginário social da cidade. Por isso, os atributos do verde também foram incorporados ao discurso da sustentabilidade e da tranquilidade.

No livro *Marketing da Sustentabilidade Habitacional*, é possível verificar que os discursos dos empreendimentos exploravam aspectos relacionados à proximidade com a natureza, à ecologia, à ecorresponsabilidade e ao sossego do lugar. E, ainda, com a ecoeficiência e a suposta sustentabilidade do empreendimento. Entretanto, é necessário refletir sobre os impactos do setor imobiliário sobre o ambiente: se todos forem para as franjas rurais, esta deixará de sê-lo e suas características originais mudarão, perdendo seus atributos, deixando de prestar serviços ecossistêmicos. Vive-se o paradoxo da busca da natureza e a avareza do progresso econômico destruidor. Vive-se a dualidade e a dicotomia entre o ser e o ter.

O discurso do verde e da eco-responsabilidade vem sendo apresentado pelo mercado imobiliário em diversas cidades brasileiras. A natureza e a ecoeficiência são vendidas como um produto vinculado às habitações. No caso da Freguesia, extensivo para as áreas adjacentes como Vargem Grande e Guaratiba o ambiente “rurbano” surge como possibilidade de ressignificar o contato com a natureza, como escape e alternativa à cidade. Este é um movimento que vem ocorrendo em todo o mundo e que está associado a um fenômeno denominado de “rurbanização”, no qual se enquadra o conceito de “novos rurais”.

Constata-se que o crescimento urbano expande cada vez mais os limites físicos das cidades, “engolindo” o espaço natural e rural, sem considerar que ele é dotado de uma identidade própria e específica, um modo de vida e organização socioeconômica singular. Atualmente, assiste-se também o mercado imobiliário de Manaus invadir partes da floresta Amazônica, ameaçando a biodiversidade. Em São Paulo, Recife e, em outras cidades também se observa a malha urbana se espalhar para as áreas antes consideradas rurais. A noção de desenvolvimento sustentável surge com o propósito de equilibrar estas forças e promover uma nova relação homem-natureza.

Para Sachs, o desenvolvimento sustentável é, evidentemente, incompatível com o jogo sem restrições das forças do mercado. Os mercados são por demais míopes para transcender os curtos prazos (Deepak Nayyar) e cegos para quaisquer considerações que não sejam lucros e a eficiência smithiana de alocação de recursos. (SACHS, 2002 p. 55).

Desta forma, o discurso ecológico que emerge em diversos cantos do planeta produz um eco lógico no meio imobiliário, que está mais para mercado-lógico do que para eco-lógico. Já que a ação do mercado, na maioria das vezes destrói a natureza para im“plantar” seus produtos de concreto. Quando o discurso ecológico entra em ação, é mais paliativo do que proativo. O que ocorre, na maior parte dos casos, são propagandas com nomes, discursos e atributos relacionados ao verde e à ecorresponsabilidade, mas que não contemplam todas as etapas do processo, oferecendo, na maior parte das vezes, uma maquiagem verde, ou *greenwashing*. No caso da habitação e no setor da construção civil, esta é uma equação bastante complexa de ser

equacionada.

A habitação enquanto produto de mercado, é tratada como uma mercadoria a ser divulgada para ser vendida. Neste contexto, a energia motriz é a informação, que é a principal ferramenta das mensagens contidas nos anúncios.

Empreendimentos no Rio de Janeiro, chegaram a anunciar e a “construir” riachos, cachoeiras com reaproveitamento da água da chuva sinalizando um desejo de aproximação e recriação dos prazeres produzidos por uma segunda natureza e associados a um discurso de sustentabilidade. Será que isso os torna mais ecorresponsáveis?

Por outro lado, o produtor de habitações, aciona os valores afetivos, características e representações presentes no imaginário dos sujeitos por meio de recursos da propaganda e do marketing. Desta forma, une ciência, técnica e informação para dar suporte aos interesses de mercado. Porém, vale refletir: Como os novos sentidos criados por elas estão reverberando nos sujeitos? Quais os paradigmas de habitação a propaganda e o *Marketing* estão criando?

5. POR UM OUTRO PARADIGMA DE HABITAÇÃO

Heidegger analisa a origem das palavras habitar e construir em alemão arcaico e conclui que construir, *bauen*, significa habitar. Ele afirma que a construção é meio para se chegar ao fim que é o habitar. Esta conclusão reforça ainda mais a ideia de que a habitação se relaciona ao construído, ao produto do que se constrói fisicamente para abrigar e alojar o homem e se transformar em moradia.

Pensar a questão da relação homem-natureza sob a ótica de Heidegger é expor o paradoxo que o modo de vida capitalista “civilizado” e a forma de atuar do mercado têm imposto.

Heidegger identifica que a palavra habitar se relaciona a estar satisfeito, ser levado à paz e a permanecer nela. E que a palavra paz em alemão “*friede*” significa – o livre, que cuida, que olha por, preservado de dano. Ao associar esse sentido com o de construir, chegar-se-ia ao sentido da construção que cuida e preserva, sem causar dano. Os índios possuem essa consciência e esse modo de vida, diferente do homem da civilização urbana, que já nasceu longe da natureza.

Heidegger associa a essência da palavra habitar a quaternidade terra, céu, divindade e os mortais, onde descansa o homem e que formam uma unidade. Segundo esse ponto de vista, o homem depende dessa unidade e dessa quaternidade para habitar. Sem isso, o homem produz a destruição do seu próprio habitat. (HEIDEGGER, 1994)

Para Heidegger, habitar é salvar a terra da exploração que a estragaria. Neste sentido, quando a grande cidade e o mercado desmatam, derrubam árvores e avançam sobre a natureza, realizando uma exploração sem limites, caminha-se para a destruição do meio onde o homem habita: o planeta. E, para ele, isso não significaria habitar.

O entendimento para o desenrolar desta questão é de que o habitar está relacionado tanto ao meio quanto à edificação - a casa - esteja ela no solo ou superposta na condição de apartamento. O morar é a necessidade vital de permanecer, de se demorar em um abrigo, em um alojamento, seja ele a casa ou não. A necessidade de proteção, identificada por Maslow está relacionada tanto à habitação quanto à moradia. O sentido de proteção pode estar relacionado à segurança ambiental ou à proteção psicológica que um determinado espaço possa representar. Desta forma, os novos conceitos de residência propostos pelos discursos do mercado se relacionam tanto à moradia quanto à habitação em si.

Porém, a casa enquanto núcleo familiar é muito mais que o lugar do abrigo físico, é abrigo psicológico, emocional e até social, que se insere em um contexto maior da vila, da cidade, da metrópole. É lugar da vida, nos seus diversos campos: individual, familiar, social, simbólico e, nas últimas décadas, principalmente no contexto da Pandemia, ressurge como lugar de trabalho profissional, reconfigurando seus espaços físicos.

A casa compõe o mundo de quem nela habita, de quem nela vive. É no interior da casa-lar que se constrói o porto-seguro da própria existência. Nela é possível estar protegido

física, social e emocionalmente das questões externas da cidade.

Do ponto de vista da relação pessoa ambiente, há de se distinguir o que é a casa moradia de espaços íntimos e a casa das relações com o externo, com o mundo que nos cerca, dos espaços contíguos à habitação, quintais, jardins, áreas livres de contato com a natureza e com o chão; suas conexões com o mundo natural e urbano, com a terra, com o ar, com o céu e com o mar, com a vida, com os deslocamentos, com rotinas de idas e vindas.

6. HABITAR COMO ÉTICA DA VIDA

Diante do que foi visto até aqui, vai se delineando e reconfigurando esta relação de contiguidade entre os espaços e os indivíduos em si e suas relações social, cultural, comercial e natural com o habitar e os processos de subjetivação que essas relações irão produzir e configurar uma nova visão: da sustentabilidade urbana.

O ponto de vista da ecologia, Leonardo Boff, no documentário “As Quatro Ecologias” e em suas obras intituladas: “Ética da Vida” e “Homem: satã ou anjo bom?”, discute os novos desafios ético-sociais para a preservação da vida planetária. Boff desvela uma nova visão ecológica que articula quatro modalidades:

- 1) Ecologia ambiental – ocupa-se diretamente com o meio ambiente e suas formas de manejo e controle;
- 2) Ecologia social – trata das políticas públicas e das formas de organização do ambiente coletivo, quer seja em uma comunidade rural ou no espaço urbano;
- 3) Ecologia mental – ocupa-se com os aspectos psíquicos dos homens. Na qual os infortúnios contra a biosfera repercutem na psicofera humana e;
- 4) Ecologia integral – ocupa-se de forma global e holística com a saúde do planeta.

Cada indivíduo é parte de um todo e ao mesmo tempo experiencia esse todo nas partes que estão interligadas de uma forma sistêmica³. Apesar da sociedade formar um todo, cada indivíduo tem poder de atuar individualmente sobre os sistemas. O sujeito consumidor pensa e age diferente do sujeito morador, que por sua vez age e pensa diferente do sujeito produtor. Possuem intenções diversas e são movidos por interesses distintos e que repercutem no coletivo e no individual, por meio dos comportamentos e na formação novos hábitos.

Milton Santos complementa quando diz que: “a idéia de ciência, a idéia de tecnologia e a idéia de mercado global devem ser encaradas conjuntamente e desse modo podem oferecer uma nova interpretação à questão ecológica”. (SANTOS, 1996, p. 190). Para ele “as mudanças que ocorrem na natureza também se subordinam a essa lógica” (SANTOS, 1996, p. 190).

Retomando o viés da componente comportamental, vale ressaltar que, além da própria ecologia, as relações socioambientais podem ser estudadas sob as óticas da psicologia e da sociologia. Nesta fusão surgem a psicologia ambiental, a psicologia ecológica, a ecologia social e a ecosofia. Não cabe aqui estudá-las. Interessa sim a relação pessoa-ambiente no que tange aos valores afetivo e vital de um determinado lugar, cujas características vão se transformando, se diversificando e, conseqüentemente, modificando suas representações sociais, suas características socioambientais e os elementos essenciais à sobrevivência das espécies. Esses conteúdos interessam na medida em que são utilizados nos discursos do mercado como forma de “ativar” desejos, necessidades e comportamentos, por vezes inconscientes, de um homem urbano que busca se reencontrar com a natureza.

É importante entender que a casa é lugar de memória e de subjetividade. É lugar construído, de construção e de autoconstrução – construção de si mesmo. A relação casa-homem é uma construção que faz revelações, em função das referências a ela atribuída e, dos significados que constroem e permitem construir. Por esta razão a habitação é um elemento

³ Maiores detalhes no documentário “as 4 ecologias”, de Leonardo Boff.

chave no entendimento da questão da sustentabilidade social, econômica, ambiental e urbana.

Como diz Alain de Botton, “não deve surpreender se, do ponto de vista emocional não menos que da perspectiva material, somos ansiosos em relação ao lugar que ocupamos no mundo. Esse lugar determinará quanto amor receberemos”. (BOTTON, 2005, p. 19). Este amor, descrito por Botton, refere-se a uma necessidade humana de reconhecimento social, também presente na teoria de Maslow, que pode acontecer de diferentes maneiras, inclusive a partir do lugar social e físico onde e como se situa a casa na qual se habita e na forma como esta deixa transparecer informações sociais.

Tereza Pires Caldeira traduz isso de forma muito clara: Através das mais diferentes culturas e classes sociais, o lar cristaliza importantes sistemas simbólicos e molda sensibilidades individuais. A moradia e o status social são obviamente associados e em várias sociedades a residência é uma forma de as pessoas se afirmarem publicamente. Em consequência, a construção ou aquisição de uma casa é um dos projetos mais importantes que as pessoas irão realizar. A casa faz declarações tanto públicas quanto pessoais, já que relaciona o público e o doméstico. Ao criar uma casa as pessoas tanto descobrem e criam sua posição social quanto moldam seu mundo interior. (CALDEIRA, 2000, p. 264).

Por isso, o modo como se mora, o bairro onde se localiza a casa e o estilo de vida que se leva funcionam como signos, que se traduzem ou não em reconhecimento social, produzem ou não *status* e distinção em função do que permitem transparecer. Contribuem ou não para a sustentabilidade ambiental do meio onde se vive.

Sob a ótica da ecologia integral de Boff, o tempo adquire relevância, sobretudo, quando vinculado à noção de sustentabilidade de Sachs, uma vez que um de seus pressupostos é a preocupação com recursos disponíveis e com a qualidade de vida das gerações futuras e, conforme definição de Gro Brundtland, em Nosso Futuro Comum: "Desenvolvimento sustentável significa suprir as necessidades do presente sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprirem as próprias necessidades". Este aspecto contrapõe-se à sociedade de consumo imediatista, individualista e hedonista onde o que está em primeiro plano é a gratificação material, apoiada na farta e renovada oferta de produtos para os mais variados segmentos.

7. NOVOS PARADIGMAS COMPORTAMENTAIS PARA O BEM COMUM

Ao traçar um paralelo com a emergência dos conceitos de sustentabilidade ecológica e de responsabilidade social, a noção de consumo também sofre seus efeitos, tornando-se alvo de transformações. Conceitos como consumo sustentável, consumo consciente e comércio justo começam a ganhar espaço nas discussões ambientais. Porém, como nos diz David Harvey, “nossas responsabilidades coletivas perante a natureza humana e perante a natureza precisam ser unidas entre si de uma maneira bem mais dinâmica e co-evolutiva que abarque uma variedade de escalas espaço-temporais”. (HARVEY, 2004, p. 303).

As propagandas do setor exploram conceitos de sustentabilidade e de ecorresponsabilidade como forma de atingir os anseios de um dado perfil de consumidor. Entretanto, ainda permanece o paradoxo: Se o mercado imobiliário visa ao lucro, como garantir a preservação do meio ambiente e a responsabilidade social de forma mais integrada?

Harvey nos ajuda nesta resposta quando afirma: não podemos esperar transformar o mundo sem transformarmos a nós mesmos. Portanto, a negociação que sempre está na base de todas as práticas políticas e arquitetônicas envolve pessoas que buscam transformar umas às outras e ao mundo, como a si próprias. [...] Porém, há igualmente a necessidade de persuadir as pessoas a ver para além das fronteiras do míope mundo da vida cotidiana que todos habitamos necessariamente. (HARVEY, 2004, p. 309-310).

Harvey foi sábio ao abordar a questão da transformação dos indivíduos. Como células, as pessoas compõem o corpo da sociedade e, isso passa pela transformação dos valores,

crenças, comportamentos que configuram o imaginário coletivo da sociedade.

Assim, resta-nos a esperança de buscar convergências na influência positiva dos atores envolvidos no processo, de modo a construirmos novos horizontes e paradigmas da legislação urbana, da construção civil, da produção imobiliária e do seu consumo, visando à compatibilização das necessidades reais como a preservação da natureza, dos serviços ecossistêmicos que ela nos presta através da biodiversidade, fundamental à sobrevivência da vida na Terra.

Mudar o paradigma da relação homem-natureza no meio urbano, passa pela mudança de valores e principalmente pela transformação comportamental de todos os atores envolvidos na produção, no uso e no consumo das edificações, principalmente quando se almeja um futuro para o bem comum.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias**. Produção de Adriana Miranda. Petrópolis, RJ: Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis [s.d.]
- BOTTON, Alain de. **A arquitetura da felicidade**. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34; EDUSP, 2000.
- CONSTRUÇÕES SUSTENTÁVEIS. **Cidades & Soluções**. Produção de André Trigueiro. Rio de Janeiro: Globo News, exibido em 28 set. 2008. Disponível em: <http://especiais.globo.com/cidadesesolucoes/>. Acesso em: 8 out. 2008.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum** (Relatório Brundtland). Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- GUNN, Lisa. *Sustentabilidade, consumo e publicidade*. In: TRIGUEIRO, André. (Org.). **Mundo sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. São Paulo: Globo, 2005.
- HARVEY, David. **Espaços de esperança**. São Paulo. Edições Loyola, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. In: _____. **Sobre o humanismo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- LE CORBUSIER. **Mensagem aos estudantes de arquitetura**. Trad. Rejane Janowitz; revisão técnica e notas Rosa Artigas. São Paulo: Martins, 2006.
- SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- SANTANA, Gisela. **Marketing da Sustentabilidade Habitacional: lançamentos imobiliários e ecologia urbana em busca do equilíbrio**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço, técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural, mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. Trad. João Roberto Martins Filho. Consultor desta edição Renato Janine Ribeiro; consultor de termos zoológicos Mário Martins. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Lincoln Institut, 2001.